

# DE VOLTA À FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO: O MATERIALISMO DIALÉTICO COMO ETAPA NECESSÁRIA DA CONSCIÊNCIA INFELIZ

Sinésio Ferraz Bueno\*

**Resumo:** Sob o ponto de vista hegeliano, a alienação da consciência é de natureza espiritual, pois expõe a sua incapacidade de compreender a si mesma como fundamento ontológico da realidade. De maneira oposta à visão idealista, para o materialismo dialético, o estranhamento da consciência é originado pela práxis material. Em termos filosóficos, a perspectiva idealista é de natureza especulativa, e se fundamenta na concepção do Espírito Absoluto como *causa sui*. Por outro lado, os fundamentos conceituais do materialismo dialético não podem apelar ao princípio da *causa sui* para se justificar logicamente, e por esse motivo recaem em um círculo vicioso, pois os fatos materiais que justificam a teoria materialista são materialistas em si mesmos. O presente artigo analisa a dialética entre senhor e escravo para defender a hipótese de que a própria teoria materialista representa um momento no processo histórico em que a consciência realiza a experiência fenomenológica de si mesma.

**Palavras-chave:** Hegel; idealismo absoluto; fenomenologia do Espírito; consciência de si.

## BACK TO THE PHENOMENOLOGY OF THE SPIRIT: DIALECTICAL MATERIALISM AS A NECESSARY STAGE OF UNHAPPY CONSCIOUSNESS

**Abstract:** From the hegelian point of view, the alienation of consciousness is of a spiritual nature, as it exposes its inability to understand itself as the ontological foundation of reality. In opposition to the idealist view, for dialectical materialism, the estrangement of consciousness is originated by material praxis. In philosophical terms, the idealist perspective is speculative in nature, and is based on the conception of the Absolute Spirit as *causa sui*. On the other hand, the conceptual foundations of dialectical materialism cannot appeal to the *causa sui* principle to justify themselves logically, and for this reason they fall into a vicious circle, for the material facts that justify the materialist theory are materialistic in themselves. This article analyzes the dialectic between master and slave to defend the hypothesis that the materialist theory itself represents a moment in the historical process in which consciousness carries out the phenomenological experience of itself.

**Keywords:** Hegel; absolute idealism; phenomenology of the Spirit; self-awareness.

### 1. O IDEALISMO HEGELIANO: DA CRÍTICA DA CERTEZA SENSÍVEL AO DESEJO

Os primeiros capítulos da *Fenomenologia do Espírito*, que são dedicados à exposição do tema da consciência infeliz, podem ser considerados como uma demonstração convincente da impossibilidade filosófica de uma ontologia materialista. O tema central tratado por Hegel no início de sua obra diz respeito à contestação da certeza da consciência sobre a existência de coisas autônomas subsistentes em si mesmas e desconectadas de um sentido teleológico. A ontologia materialista é contestada mediante a demonstração da centralidade da consciência para a concepção de coisas que assumem a aparência de serem subsistentes em si mesmas e independentes do movimento cognoscente do sujeito. Essa certeza sensível “se faz

---

\* É professor doutor em Filosofia da Educação, atuando como professor do Departamento de Filosofia e da Pós-graduação em Educação da Unesp de Marília. É especialista em teoria crítica e educação, atualmente desenvolvendo pesquisas sobre os seguintes temas: teoria crítica, fascismo e psicanálise; teoria crítica e pós-estruturalismo: uma confrontação conceitual. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3124-4692>

passar a si mesma pela verdade mais abstrata e mais pobre” (HEGEL, 2002, p. 85). O argumento nuclear do filósofo, que é desenvolvido em níveis crescentes de complexidade, problematiza essa suposta independência de um mundo concreto em relação à consciência, mediante a confrontação do objeto de conhecimento com seu duplo caráter de ser, ao mesmo tempo, uma unidade e um conjunto de múltiplas qualidades. Todo objeto é uma unidade, mas simultaneamente, é um agregado de qualidades universais que estão igualmente presentes em uma infinidade de outros objetos. Segundo Herbert Marcuse, “a coisa é em si mesma unidade e diferença, unidade na diferença” (1978, p. 109). Para Jean Hyppolite, “é a coisa que se reflete em si e para si mesma como o que é diferente do que ela é para outro (a consciência, precisamente). Ora é uma quando se mostra múltipla, ora é múltipla quando se mostra uma: inclui em si uma verdade oposta a si, ela é uma contradição” (1999, p. 130). Hegel expõe o idealismo irreduzível que é subjacente à própria constituição da realidade objetiva, que para ele representa a vida do Absoluto: “a unidade da unidade e da multiplicidade, a identidade da identidade e da não-identidade” (HYPPOLITE, 1999, p. 131).

O trajeto de autoconhecimento da consciência, em sua relação com a realidade, desconstrói o objeto de conhecimento como uma entidade extensa, estável e autônoma, conduzindo a concebê-lo como um universal incondicionado que é síntese dialética entre unidade e multiplicidade. A concepção coisista e mecanicista consagrada pela ciência ocidental dá lugar ao condicionamento irreduzível de toda realidade objetiva ao desenvolvimento da consciência. A incapacidade cognitiva do entendimento não deve ser atribuída a uma suposta incognoscibilidade da coisa-em-si, mas sim ao desconhecimento da consciência de sua condição ontológica de sujeito: “fica patente que por trás da assim chamada cortina, que deve cobrir o interior nada há para ver; a não ser que nós entremos lá dentro - tanto para ver como para que haja algo ali que possa ser visto” (HEGEL, 2002, p. 132). Esse processo de autoconhecimento implica em um autêntico dilaceramento espiritual, pois a consciência é forçada a se desprender de suas ilusões coisistas para compreender a si mesma como fundamento ontológico da realidade. É parte integrante desse processo de desenvolvimento da consciência de si que ela compreenda que seu impulso de conceber a existência de objetos autônomos e subsistentes em si mesmos se deve ao desejo (*Begierde*) de superação da exterioridade e estranheza diante do real. O desejo de negação da estranheza do mundo se manifesta, em princípio, pelas versões brutas da ciência moderna, para as quais a objetividade somente pode ser obtida graças à eliminação de todo traço de subjetividade no conhecimento. Mas Hegel argumenta que essa estratégia de autoanulação da consciência somente abre caminho a intermináveis desejos sucessivos para cuja realização o consumo de objetos sensíveis

## DE VOLTA À FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO: O...

Sinésio Ferraz Bueno

se revela insuficiente: “descubro, portanto, no curso dessa experiência, que o desejo não se esgota jamais e que sua intenção refletida me conduz a uma alteridade essencial” (HYPPOLITE, 1999, p. 177).

A meta verdadeira da consciência não se esgota no conhecimento objetivo do mundo, habitualmente justificado pela necessidade de autoconservação da espécie humana, pois a ela é subjacente um sentido infinitamente maior que não pode ser esgotado pelo domínio da natureza mediante o conhecimento científico. O objeto verdadeiro desse desejo da consciência consiste em encontrar a si mesma, e sua efetivação depende necessariamente do encontro de uma realidade que não se mostre estranha e possa subsistir ontologicamente: “de modo que o desejo básico da consciência de si só pode ser satisfeito por outra consciência de si” (TAYLOR, 2014, p. 180). Toda consciência é um espírito corporificado dotado de singularidade que sabe de sua própria existência, mas ao mesmo tempo, representa exterioridade e estranheza diante de uma outra consciência. A meta derradeira visada pelo desejo é o reconhecimento de si mesmo pelo outro, objetivo que requer o reconhecimento recíproco entre as consciências: “somente sou consciência de si quando me faço reconhecer por outra consciência de si, e se reconheço a outra do mesmo modo” (HYPPOLITE, 1999, p. 180). Essa é a implicação idealista nuclear da dialética entre senhor e escravo, que embora em princípio pareça envolver apenas uma luta bruta pelo poder, encobre um significado muito mais profundo, relacionado com a estrutura dialética da consciência de si. O fato de que todo ser humano seja uma consciência absoluta para si mesmo, mas também uma mera coisa vivente estranha para outros seres humanos, impõe um processo dialético que se desdobra na história, e que visa à realização da racionalidade e da liberdade. Por esse motivo, a consciência é uma potência negativa, que não se contenta com uma existência coisificada e sem sentido diante das outras consciências:

Toda a vida espiritual repousa sobre essas experiências que estão hoje superadas na história humana, mas que permanecem como sua base profunda. Os homens não têm, como os animais, somente o desejo de perseverar no seu ser, o ser-aí ao modo das coisas; têm o imperioso desejo de se fazerem reconhecer como consciência de si, como elevados acima da vida puramente animal, e essa paixão, para se fazer reconhecer, exige, por seu turno, o reconhecimento da outra consciência de si (HYPPOLITE, 1999, p. 184).

## **2. A DIALÉTICA ENTRE SENHOR E ESCRAVO: INTERPRETAÇÃO IDEALISTA**

Sob o ponto de vista hegeliano, a alienação da consciência é uma alienação espiritual, que expõe sua incapacidade de compreender a si mesma como fundamento

## DE VOLTA À FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO: O...

Sinésio Ferraz Bueno

ontológico da realidade. Para superar essa condição de distorção cognitiva, em grande medida autoimposta, a consciência deve percorrer um trajeto de experiência de si mesma, cuja meta é a realização da consciência de si, e desvendar as condições que fazem da realidade um horizonte de estranheza radical. Esse objetivo somente poderá ser alcançado quando a consciência realizar seu desejo básico de reconhecimento, mediante o encontro com uma outra consciência. É por esse motivo que a dialética entre senhor e escravo é um encontro paradigmático entre dois homens, inserido na estrutura dialética da formação da consciência de si. Em termos filosóficos, a proposição hegeliana se sustenta na qualidade ontológica da esfera suprafísica, que se caracteriza por sua completa independência em relação à causalidade mecânica que afeta o mundo físico. A consciência dos seres finitos é veículo de realização do Espírito Absoluto, e este é sujeito infinito que põe a si mesmo, sendo qualificado como *causa sui* por sua própria definição. O *Geist* hegeliano é um conceito filosófico especulativamente consistente com o argumento aristotélico que fundamentou a metafísica como ciência primeira, em virtude de ser impossível justificar os fundamentos ontológicos do ser na esfera física da causalidade mecânica. A impossibilidade de fundamentar a esfera substancial do ser no devir do mundo físico justificou o estabelecimento da metafísica como ciência primeira, e isso em termos hegelianos significa que o desenvolvimento da consciência de si é harmonicamente determinado por uma estrutura finalística. Por outro lado, o *Geist* hegeliano se diferencia do Primeiro Motor Imóvel de Aristóteles por ser sujeito que põe a si mesmo, corporificando um movimento de autorealização que se dá pela mediação das coisas finitas. De maneira bem diferente do Deus de Aristóteles, Deus, para Hegel, deve ser concebido no “movimento do pôr-a-si-mesmo, ou a mediação consigo mesmo do tornar-se outro” (HEGEL, 2002, p. 35). Para Hegel, sendo o Absoluto, sujeito corporificado nas coisas finitas, a mediação dialética se converte em princípio ontológico, negatividade pura e simples:

O Absoluto, aquilo que é real em última instância, ou aquilo que está na base de tudo, é sujeito. E o sujeito cósmico é constituído de tal maneira que é tanto idêntico quanto não idêntico ao mundo. A vida do sujeito absoluto é essencialmente um processo, um movimento, no qual ele põe suas próprias condições de existência, e então supera a oposição dessas mesmas condições para realizar seu objetivo de autoconhecimento (Taylor, 2014, p. 131).

Na formulação idealista originalmente apresentada por Hegel, o desejo é um impulso negativo da consciência e se manifesta quando esta atinge uma etapa em que já não se contenta com a estabilidade aparente do mundo. O desejo se manifesta como veículo de autoconsciência, quando se dirige à estabilidade e subsistência das coisas, para que elas se

## DE VOLTA À FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO: O...

Sinésio Ferraz Bueno

revelam como emanções do próprio espírito. A meta derradeira do processo de realização da consciência de si almeja a dissolução da estranheza do mundo, e somente poderá ser consumada quando toda a realidade for concebida em consonância com a integridade do espírito. Nesse sentido, quando a luta pelo reconhecimento entre duas consciências se consuma na transformação de uma delas em simples ser humano condenado ao trabalho forçado e destituído da propriedade de si mesmo, esse estado de servidão é a manifestação histórica de uma etapa de desenvolvimento da consciência em que uma das partes é reconhecida como senhor, sendo a outra reduzida à condição de simples coisa inteiramente desprovida de humanidade. Esse estado de coisificação espelha uma etapa ainda primitiva de realização histórica da consciência, pois engendra relações de produção perpassadas pela escravidão. Porém, como o senhor é forçado a se contentar com o reconhecimento de um ser que é mera coisa destituída de dignidade humana, a própria dialética subjacente a essa relação elevará a figura do escravo a um patamar superior capaz de possibilitar o efetivo reconhecimento entre os homens. Pois, conforme abordamos, é somente mediante uma consciência que subsista ontologicamente que o desejo de reconhecimento poderá se realizar em sua plena integridade e sentido finalístico. Na concepção hegeliana, a transformação das condições produtivas é condicionada pela teleologia intrínseca da consciência de si, a qual somente se realiza como dilaceramento do espírito. A oposição entre senhor e escravo não é o resultado da práxis material, mas, pelo contrário, traduz uma etapa primitiva de realização da consciência que se manifesta pela forma histórica da brutalidade nas relações entre humanos. Na dialética entre senhor e escravo, a meta é o reconhecimento recíproco, por meio do qual cada consciência singular se torna capaz de encontrar a si mesma pela mediação do outro, e será nesse horizonte que o próprio espírito poderá superar seu estado histórico de dilaceramento e se realizar como parte necessária do Absoluto:

Para nós, portanto, já está presente o conceito do espírito. Para a consciência, o que vem-a-ser mais adiante, é a experiência do que é o espírito: essa substância absoluta que na perfeita liberdade e independência de sua oposição – a saber, das diversas consciência-de-si para si essentes – é a unidade das mesmas: Eu, que é Nós, Nós que é Eu. A consciência tem primeiro na consciência de si, como no conceito de espírito, seu ponto de inflexão, a partir do qual se afasta da aparência colorida do alguém sensível, e da noite vazia do além suprasensível, para entrar no dia espiritual da presença (HEGEL, 2002, p. 142).

### **3. A DIALÉTICA ENTRE SENHOR E ESCRAVO: INTERPRETAÇÃO MATERIALISTA**

## DE VOLTA À FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO: O...

Sinésio Ferraz Bueno

De maneira diametralmente antagônica à visão idealista, a interpretação consagrada pelo materialismo dialético sobre a relação entre mundo material e consciência, encontrou sua mais clara expressão na *Ideologia alemã*, obra em que Marx e Engels condicionam as relações entre as consciências ao intercâmbio material: “o representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material” (1999, p. 36). As implicações filosóficas desse postulado consistem, como se sabe, na inversão radical do próprio significado ontológico que ao longo da tradição filosófica ocidental entendeu a vida espiritual como fundamento do ser. Na visão materialista, é a práxis material que origina a consciência, e não o contrário: “o primeiro ato histórico, é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação dessas necessidades, a produção da vida material” (1999, p. 39). Nesta obra, são desenvolvidos os fundamentos da crítica materialista originalmente realizada por Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, obra em que o próprio conceito de ser é desenvolvido a partir da definição do ser humano como ser genérico. De maneira diferente dos animais, o ser humano se realiza como ser genérico, pois sua ação de transformação da natureza mediante o trabalho é uma atividade vital lúcida e consciente. Na medida em que, no interior do processo de produção, o trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como se fosse uma coisa estranha, essa alienação subtrai do homem a sua própria condição de ser genérico. O estranhamento do homem em sua relação com os produtos de seu trabalho, implica na alienação de sua condição ontológica de ser genérico, e, portanto, acarreta na alienação do homem na relação com os outros homens. As relações de dominação e de servidão não são, como supõe o idealismo de Hegel, consequências diretas de um estágio histórico em que perduram condições primárias do autoconhecimento da consciência, pois, pelo contrário, são as relações materiais que determinam a alienação da consciência:

Observemos, ainda, a afirmativa anterior de que a relação do homem com ele mesmo só é real, objetiva, por meio da sua relação com os outros homens. Se ele se relaciona com o produto do trabalho, com o seu trabalho objetivado, como com um objeto estranho, hostil, poderoso, independente, relaciona-se com ele de tal forma que outro homem estranho, inimigo, mais poderoso e independente, seja o senhor deste objeto. Se ele se relaciona com a própria atividade como com uma atividade não-livre, então se relaciona assim com o serviço, sob o domínio, a repressão e o mando de outro homem (Marx, 2002, p. 119).

Na perspectiva idealista, a dialética entre senhor e escravo está fundamentada em termos puramente especulativos, que remetem à concepção do Espírito Absoluto como *causa sui*, de tal maneira que o processo histórico pode ser concebido como um conjunto de acontecimentos contingentes teleologicamente condicionados pelo progresso da razão. Por

outro lado, na perspectiva materialista, senhor e escravo são concebidos como polos antagônicos de um processo de produção de mercadorias. O senhor é um sujeito histórico livre e proprietário dos meios de produção, e o escravo é uma mercadoria pertencente ao senhor, a quem é negada a posse de si mesmo, dos meios de produção e dos produtos de seu próprio trabalho. A assimetria estrutural entre senhor e escravo, no interior da teoria materialista, é explicada como resultado necessário do desenvolvimento das forças produtivas de uma dada sociedade, quando estas se tornam capazes de formar excedentes produtivos. Na medida em que o grau de desenvolvimento das relações de trabalho e de produção são os fatores centrais que explicam os acontecimentos históricos, a oposição entre senhor e escravo se constitui como uma contradição dialética resultante das relações econômicas estabelecidas em uma determinada sociedade. Nesse sentido, a dialética entre senhor e escravo, entendida como processo determinado pelas contradições materiais da sociedade, se converte em um protótipo histórico que permanece válido para a análise das formações sociais bem mais complexas da modernidade, desenroladas em torno da luta de classes entre proletariado e burguesia. Para o materialismo dialético, o estado de alienação da consciência não é reflexo de formas primitivas de realização da consciência que bloqueiam o desejo de reconhecimento, como propõe o idealismo hegeliano, mas sim o resultado de uma práxis social cuja divisão de trabalho na esfera da produção produz condições materiais de existência que alienam a consciência. O aspecto problemático da teoria materialista diz respeito à sua impossibilidade metodológica de justificar em termos lógicos que o estranhamento da prática social se origina da esfera material da produção, e não de uma condição histórica de desenvolvimento do espírito. Se conforme afirmam Marx e Engels na *Ideologia alemã*, “o representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material” (1999, p. 36), é lícito indagar ao materialismo dialético, quais seriam os elementos empíricos que justificam esse argumento antiidealista. A própria natureza antimetafísica do materialismo impede que tais fundamentos possam estar desconectados da base materialista da sociedade. Então, para demonstrar que o "intercâmbio espiritual" entre os homens emana diretamente do "comportamento material", o único recurso de que dispõe o teórico materialista consiste em apresentar evidências empíricas e históricas extraídas da própria práxis social.

#### **4. O MATERIALISMO DIALÉTICO COMO INTEGRAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E DIALÉTICA**

## DE VOLTA À FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO: O...

Sinésio Ferraz Bueno

Desde o estabelecimento de seus fundamentos conceituais, o materialismo dialético emergiu como um corpo teórico híbrido, resultado da integração entre os critérios empíricos da ciência moderna e a dialética hegeliana. Sua estrutura híbrida pressupõe uma assimilação do caráter autônomo e público do conhecimento científico em relação às matrizes metafísicas e religiosas do pensamento antigo, porém expurgado do mecanicismo positivista, caracterizado por interpretar de maneira acrítica os dados experimentais. Da mesma forma, a dialética hegeliana é incorporada por sua qualidade de possibilitar a compreensão da contradição como movimento interno da realidade histórica e social, desde que abstraída da especulação idealista que marca o pensamento de Hegel. O materialismo dialético constitui-se como uma síntese entre o empirismo da ciência moderna e o idealismo de Hegel, porém, desde que se considere que "o mecanicismo do primeiro, que é incompatível com a dialética, e o idealismo da segunda, que é incompatível com o materialismo, são rejeitados como 'metafísicos' e 'ideológicos'" (BOTTOMORE, p. 409). Quando o idealismo hegeliano e a Revolução Científica são confrontados, evidencia-se a primazia dos parâmetros empiristas e secularizantes da ciência moderna sobre a dialética idealista, conforme a exposição de Engels em sua *Dialética da natureza*. Nessa obra, Engels contesta a dedução idealista das leis da natureza realizada por Hegel em sua *Lógica*, argumentando que os princípios básicos da dialética idealista podem ser empiricamente extraídos do funcionamento da natureza. Para ele, "as leis da dialética são, por conseguinte, extraídas da história da Natureza, assim como da história da sociedade humana" (Engels, 1979, p. 34). Desde que seja considerada a apreciação empírica das leis físicas, é possível constatar que "a natureza é a pedra de toque da dialética, e as modernas ciências naturais nos oferecem para essa prova um acervo de dados extremamente copiosos e enriquecidos cada dia que passa, demonstrando com isso que a natureza se move, em última instância, pelos caminhos dialéticos e não pelas veredas metafísicas" (Engels, 2001, p. 10). Sob a integração entre a ciência moderna e o sistema filosófico de Hegel, no materialismo dialético prevaleceram os parâmetros empíricos e secularizantes estabelecidos pela Revolução científica, e dessa maneira a teoria marxista se desenvolveu sobretudo como ciência materialista:

Os novos fatos obrigaram à revisão de toda a história anterior, e então se viu que, com exceção do Estado primitivo, toda a história anterior era a história das lutas de classes, e que essas classes sociais em luta entre si eram em todas as épocas fruto das relações de produção e de troca, isto é, das relações econômicas de sua época; que a estrutura econômica da sociedade em cada época da história constitui, portanto, a base real cujas propriedades explicam, em última análise, toda a superestrutura integrada pelas instituições jurídicas e políticas, assim como pela ideologia religiosa, filosófica, etc. de cada período histórico. Hegel libertara da metafísica a concepção da história, tornando-a dialética; mas sua interpretação da história era essencialmente idealista. Agora, o idealismo fora despejado do seu último reduto: a concepção da história -

## DE VOLTA À FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO: O...

Sinésio Ferraz Bueno

substituída por uma concepção materialista da história, com o que se abria o caminho para explicar a consciência do homem por sua existência, e não esta por sua consciência, que era até então o tradicional (Engels, 2001, p. 12).

76

Sendo um corpo teórico híbrido entre a ciência moderna e a dialética de Hegel, o materialismo dialético assume da ciência moderna a concepção da realidade objetiva como uma totalidade de coisas materiais subsistentes em si mesmas, porém recusa seu caráter mecanicista originalmente cartesiano e newtoniano, pois ele é incompatível com a dialética. Ao mesmo tempo, assume do pensamento filosófico de Hegel o conceito da dialética como movimento interno de produção da realidade, porém recusa que as contradições reais sejam de natureza espiritual, pois as concebe como expressão das condições históricas e sociais concretas. Os procedimentos metodológicos consagrados pelo materialismo dialético são expostos em sua forma mais completa na *Crítica da economia política*, obra em que Marx descreve o processo de constituição da mercadoria, desde seu aparecer social como coisa dotada de qualidades abstratas no mercado, desenvolvendo as mediações que conduzem até a compreensão da mercadoria como resultado do trabalho abstrato. A análise do aparecer social realizada por Marx parte do fetichismo da mercadoria, fenômeno em que os objetos vendidos no mercado não são concebidos como resultado da exploração do trabalho, mas sim como relações das próprias coisas entre si. Uma vez desmistificado seu caráter de fetichismo, a mercadoria é apresentada como objeto concreto no qual o valor de troca comanda o valor de uso, isto é, seu preço no mercado assume primazia em relação a seu caráter utilitário. Da mercadoria concebida como valor de troca, Marx parte para a análise do processo de exploração do trabalho social, decifrando a mais-valia como expressão da forma específica da exploração do trabalho no capitalismo, em que a acumulação de capital se desenvolve mediante a apropriação do trabalho excedente não pago. Para Marx, a análise desse processo, desde a aparência abstrata da circulação de mercadorias, até a sua compreensão como resultado da exploração econômica do trabalho, espelha a passagem de uma representação imediata e ideológica do real, até a compreensão dos fatores concretos pelos quais os homens reproduzem as suas condições materiais de existência. Esse percurso, que parte da aparência abstrata da mercadoria, até seu desvelamento como resultado objetivo e concreto da práxis, é justificado por Marx como exposição do método materialista contra o idealismo de Hegel:

Por isso é que Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que se sintetiza em si, se aprofunda em si e se move por si mesmo; enquanto que o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto *não é senão a maneira de proceder do pensamento* para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado. Mas este não é de *modo nenhum* o processo da gênese do próprio

## DE VOLTA À FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO: O...

Sinésio Ferraz Bueno

concreto. A mais simples categoria econômica, suponhamos, por exemplo, o valor de troca, pressupõe a população, uma população produzindo em determinadas condições e também certos tipos de famílias, de comunidades ou Estados. O valor de troca nunca poderia existir de outro modo senão como relação unilateral, abstrata de um todo vivo e concreto já dado (Marx, 1985, p. 117).



### **5. MATERIALISMO DIALÉTICO E CIRCULARIDADE VICIOSA: O PROBLEMA DA CAUSA SUI**

Na análise de Marx, a totalidade desse processo, que se inicia com a aparência abstrata da mercadoria e culmina em sua compreensão como resultado da atividade concreta de produção da existência humana, expõe a totalidade das relações de produção que forma a estrutura econômica de uma dada sociedade. Sua análise crítica não pretende ser somente uma exposição compreensiva da dialética materialista, pois é também uma crítica do que ele entende serem as tendências idealistas e mistificadoras da filosofia de Hegel. A primazia da práxis social, entendida como conjunto das relações de produção que correspondem a certo grau de desenvolvimento das forças produtivas, equivale ao próprio fundamento ontológico que condiciona o ser humano como ser social: "não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência" (Marx, 1985, p. 130). Marx recusa o idealismo hegeliano porque este parte de uma concepção da história como processo de realização do espírito, e não como resultado da atividade concreta dos homens por meio da prática social. Mas para justificar que a consciência é determinada pela práxis, a teoria materialista pode contar apenas com os próprios acontecimentos históricos e sociais, concebidos em si mesmos como resultado da primazia da práxis material que eles deveriam justificar. A objetividade da análise materialista está fundamentada na análise dos fatos históricos e sociais, e estes são dotados de objetividade somente se forem analisados pela teoria materialista:

Totalmente ao contrário do que ocorre na filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se ascende da terra ao céu. Ou, em outras palavras: não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, e tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens e carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. (...) Essa maneira de considerar as coisas não é desprovida de pressupostos. Parte de pressupostos reais e não os abandona um só instante. Estes pressupostos são os homens, mas não em qualquer fixação ou isolamento fantásticos, mas em seu processo de desenvolvimento real, em condições determinadas, empiricamente visíveis. Desde que se apresente este processo ativo de vida, a história deixa de ser uma coleção de fatos mortos, como para os empiristas ainda abstratos, ou ação imaginária de sujeitos imaginários, como para os idealistas (Marx e Engels, 1999, p. 37-38).

## DE VOLTA À FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO: O...

Sinéio Ferraz Bueno

Embora Marx pretenda fundamentar sua análise nos "homens de carne e osso", e não em "sujeitos imaginários", os pressupostos reais da teoria materialista consistem em "condições determinadas, empiricamente visíveis", que em si mesmas são inseparáveis do próprio materialismo que deveriam fundamentar. O fato de que essa circularidade viciosa não represente um problema para a fundamentação do materialismo dialético, contraria as próprias pretensões da teoria materialista de se opor ao idealismo metafísico, pois quando se constata a inexistência de uma base sólida e fundacionista que possa justificar o materialismo em termos propriamente ontológicos, a teoria marxista parece almejar a qualidade metafísica de ser causa de si mesma. Nesse sentido, a confiança frequentemente dogmática exibida por muitos adeptos do marxismo na consistência teórica do materialismo parece evidenciar que o marxismo não estabeleceu uma ruptura efetiva com a metafísica, na medida em que ele próprio assume pressupostos metafísicos para sua legitimação teórica. Dessa forma, embora idealismo e materialismo pareçam ser campos filosóficos fundamentados em hipóteses especulativas antagônicas e contraditórias, é forçoso reconhecer que a teoria materialista somente consegue se manter de pé graças aos mesmos fundamentos que ela se esforça obsessivamente em negar. O caráter híbrido do materialismo dialético se torna um obstáculo decisivo para a consistência conceitual de uma ontologia materialista.

Ainda que Marx dirija a Hegel repetidas acusações de idealismo e resignação teológica, a existência de obstáculos filosoficamente insuperáveis para a legitimação do materialismo sem que o princípio da *causa sui* esteja embaraçosamente presente, se deve à própria natureza da razão como princípio objetivo da realidade. Mesmo que a teoria materialista pretenda estabelecer a práxis social como fundamento ontológico antagônico ao idealismo hegeliano, seu encadeamento conceitual não pode simplesmente ignorar a razão como força criadora e guia confiável para o gênero humano. Nesse sentido, o fato de que a teoria marxista esteja fundamentada em uma estrutura lógica comum à metafísica não deverá ser encarado como argumento depreciador do materialismo, pois é exatamente em virtude de seu enraizamento metafísico que o materialismo dialético se mostra como um aparato conceitual válido e imprescindível para a crítica das relações materiais na sociedade. A teoria materialista dirige críticas enfáticas ao idealismo, porém não é capaz, sob pena de mergulhar no puro irracionalismo, de contestar a razão como universo finalístico capaz de orientar os homens na determinação de propósitos e valores éticos com pretensão universal. Mesmo que o materialismo dialético considere que a consciência não é substância espiritual, mas sim resultado da práxis social, seus fundamentos epistemológicos permanecem corroborando a razão não somente como uma faculdade subjetiva da mente, mas como um princípio inerente e

objetivo da realidade em si mesma. Embora o presente artigo acadêmico se destine a refletir sobre os aspectos problemáticos de uma ontologia material, é preciso destacar que a extrema relevância do marxismo como campo teórico de crítica às contradições materiais do capitalismo evidencia sua fundamentação racional, pois é intrinsecamente animado por uma concepção de humanidade relacionada com objetivos racionais, autoexplicativos e razoáveis por si mesmos.

A racionalidade científica que orienta a reflexão de Marx e Engels é suficiente para explicitar que é a partir da primazia dos critérios empíricos da ciência moderna que se pode compreender que a objetividade do materialismo dialético assume o pressuposto da existência de coisas autônomas existentes em si mesmas e desconectadas de um sentido teleológico. Por esse motivo, quando a teoria materialista é abordada sob o ponto de vista hegeliano, é possível compreender que ela é engendrada pelos fundamentos da certeza sensível, que são contestados nos primeiros capítulos da *Fenomenologia do Espírito*: a concepção de coisas que assumem a aparência de serem subsistentes em si mesmas e independentes do movimento cognoscente do sujeito. O condicionamento irreduzível da realidade objetiva ao desenvolvimento da consciência, que é a base de todo o edifício do idealismo de Hegel, dá lugar, na teoria marxista, à concepção coisista da realidade, que foi consagrada pela ciência ocidental. Nesse sentido, é importante observar que a circularidade viciosa que compromete a ontologia materialista deriva de idêntica dificuldade que é subjacente à ciência positivista. A esse respeito, Max Horkheimer expôs de maneira precisa os obstáculos que comprometem a justificação da ciência moderna quando esta busca legitimar sua autoridade recorrendo a provas derivadas da observação empírica: “mas a questão crucial é a seguinte: como é possível determinar o que, com justeza, pode ser chamado de ciência e verdade, se a própria determinação pressupõe os métodos de obtenção da verdade científica?” (2015, p. 88). Na medida em que a ciência é estruturalmente impossibilitada de apelar à autoridade metafísica da *causa sui* como fundamento da verdade, ela se vê embaraçosamente envolvida por uma petição de princípio: “o mesmo círculo vicioso está presente em qualquer justificação do método científico pela observação da ciência: como se justifica o princípio da observação ele mesmo? Quando se requer uma justificação, quando alguém pergunta por que a observação é a garantia apropriada da verdade, os positivistas apelam de novo à observação. Mas seus olhos estão fechados” (Horkheimer, 2015, p. 88). Nesse sentido, os problemas enfrentados pelo marxismo para justificar os fundamentos de sua validade lógica se devem à sua própria origem racionalista e científica, uma vez que também a ciência se vê enredada em uma petição de princípio que impossibilita a justificação lógica da empiria.

### 6. A "MATÉRIA" DO MATERIALISMO DIALÉTICO

Se a teoria materialista do marxismo não fosse dialética, ou seja, se ela tivesse sido fundamentada unicamente sobre as bases da ciência moderna, o conjunto das relações produtivas seria deduzido do próprio movimento das mercadorias, entendidas como objetos materiais dotados de poderes sobre a atividade e o pensamento humano. Mas como o materialismo dialético é um sistema teórico híbrido, resultante da integração entre a ciência moderna e a dialética de Hegel, sua própria formulação teórico-metodológica repele um entendimento mecânico e cientificista acerca da relação entre o mundo material e a consciência. A "matéria" do marxismo não deve ser entendida em sentido literal, mas como práxis, ou seja, como o conjunto das relações sociais, pelas quais os seres humanos produzem e reproduzem suas condições materiais de existência, mediante o trabalho, a geração de excedente produtivo e a distribuição de riquezas. Por esse motivo, a dialética entre senhor e escravo se converte em momento incontornável não apenas da fenomenologia do espírito, mas também da própria dialética materialista, pois também para o marxismo, essa oposição entre dois homens na luta pelo reconhecimento consiste em protótipo histórico das futuras formações sociais que se desenvolveram como luta de classes. Embora, segundo a interpretação materialista, a contenda entre senhor e escravo represente em si mesma uma práxis social mediante a qual os homens produzem determinadas condições materiais de existência que condicionam a própria luta pelo reconhecimento entre as consciências, é necessário reconhecer que o materialismo dialético não apresenta categorias teóricas que sejam suficientes para refutar a tese idealista original de Hegel, que postula o caráter ontológico das consciências em luta. Dessa forma, o grande problema de natureza metodológica da teoria marxista é que ela não dispõe de categorias teóricas para explicar como os fatores materiais produzem uma interferência a tal ponto invasiva no âmbito da subjetividade.

Na obra de Hegel, conforme abordamos, o encontro entre duas consciências se realiza no conflito entre senhor e escravo, em que ambos se empenham em uma luta de vida e morte, que não desemboca na eliminação física de uma das partes apenas porque uma delas, o escravo, renuncia à disputa em nome da preservação da própria vida. É justamente porque um deles desiste do confronto que se torna possível o reconhecimento do senhor pelo escravo, de maneira a permitir a satisfação parcial do desejo de reconhecimento. A dialética entre senhor e escravo, em princípio, parece denotar uma simples luta bruta pelo poder, passível de ser interpretada ao modo materialista, que postula a própria origem ontológica do ser humano como ser social que é engendrado pela interação entre dominação e sujeição (KOJÉVE, 2002, p. 15). Mas o grande problema dessa interpretação materialista é que ela pressupõe antecipadamente

## DE VOLTA À FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO: O...

Sinésio Ferraz Bueno

aquilo que, do ponto de vista do idealismo, é o resultado histórico do encontro entre senhor e escravo. As relações de dominação e sujeição constituem o desenlace ainda primitivo da dialética de reconhecimento entre as consciências, expondo uma realidade histórica e social ainda permeada pelas relações de opressão. As relações de opressão no âmbito econômico e político não podem ser hipostasiadas como fundamento material da dialética entre senhor e escravo, pois são apenas a expressão de uma etapa histórica de realização ainda precária da consciência, que nesse momento histórico muito pouco se elevou acima da vida animal e da barbárie. No sentido hegeliano, a luta pelo reconhecimento se realiza como estrutura dialética de uma intersubjetividade, a qual, esta sim, deve ser compreendida como fundamento ontológico das relações entre humanos, pois é mediada pela teleologia da consciência de si.

O tema da dialética entre senhor e escravo possibilita explicitar o aspecto problemático relativo à fundamentação filosófica do materialismo dialético. Sob uma abordagem idealista, as relações de dominação e sujeição podem ser explicadas como resultado histórico e social do encontro entre consciências ainda incapazes de se reconhecerem mutuamente como seres humanos livres. A coisificação engendrada pela incapacidade de reconhecimento da dignidade do outro e de si próprio integra um estágio incipiente do espírito no automovimento de realização da consciência de si. Essa defasagem entre a consciência do ser humano singular e sua autocompreensão como veículo de realização do Espírito Absoluto se fundamenta em termos lógicos na qualidade metafísica do *Geist* de pôr a si mesmo mediante sua corporificação nas entidades finitas. Por outro lado, sob a abordagem materialista, na medida em que a incapacidade de mútuo reconhecimento entre senhor e escravo se deve à contradição dialética enraizada na base material da sociedade, para justificar essa relação entre a práxis material e o estranhamento da consciência, o único argumento disponível consiste em remeter aos mesmos acontecimentos históricos e sociais que deveriam ser explicados. Segundo a teoria materialista, a escravidão é um modo produtivo que engendra determinados acontecimentos sociais e históricos, que por sua vez são os mesmos elementos que servem como argumento explicativo para a escravidão. O materialismo dialético é uma teoria estruturalmente impossibilitada de justificar sua própria base conceitual no campo filosófico, sem ter que recorrer a essa petição de princípio, uma vez que a luta de classes, embora seja justificada como motor da história, não pode ser definida como causa de si mesma.

### 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

## DE VOLTA À FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO: O...

Sinéio Ferraz Bueno

Na medida em que o sistema filosófico de Hegel se fundamenta ontologicamente no Absoluto, isso significa que ele pode recorrer de maneira especulativamente consistente ao argumento da *causa sui*, que estabelece um princípio de origem incondicionado. O processo histórico pode ser tratado como um conjunto de acontecimentos que, embora sejam contingentes, são teleologicamente condicionados pelo progresso racional, constituindo-se como corporificação do Espírito Absoluto, que é entendido como substância racional do mundo. Nesse sentido, o desenvolvimento da consciência de si pode ser conceitualmente sustentado por fundamentos autônomos em relação à causalidade mecânica e à contingência dos acontecimentos históricos. Por outro lado, o materialismo dialético não dispõe de categorias teóricas que sejam capazes de sustentar a hipótese de que o estranhamento da consciência seja determinado por fatores materiais relacionados à práxis social. É forçoso reconhecer que o materialismo dialético, embora se constitua como campo teórico essencial para a explicação das contradições imanentes ao modo de produção capitalista, tem sua consistência filosófica comprometida, pois não consegue demonstrar a existência de uma qualidade fundacionista nas relações materiais da sociedade. O argumento básico do materialismo para sustentar a tese de que a categoria teórica do trabalho, assim como as relações de troca de mercadorias, se constituem como fundamento do ser, é insuscetível de demonstração empírica. Para justificar essa tese, o único recurso lógico de que o materialista dispõe consiste em apontar os próprios fatos materiais da sociedade, mergulhando a metodologia do materialismo dialético em uma circularidade viciosa que compromete inteiramente a ontologia social na qual ele se apoia. Para fundamentar o materialismo dialético no campo filosófico é necessário hipostasiar os fatos materiais da sociedade, que necessitam ser considerados causa e, ao mesmo tempo, consequência do ser social. A primazia do materialismo no campo filosófico somente pode ser sustentada desde que ele subtraia à metafísica a prerrogativa de se assumir como causa de si mesmo, qualidade logicamente impossível de ser atribuída à práxis material, pois esta, por sua própria natureza, está relacionada com os acontecimentos contingentes da vida social.

No prefácio à segunda edição de *O capital*, Marx caracteriza a dialética hegeliana como instrumento de mistificação, e declara a necessidade de inverter o método idealista, pois na obra de Hegel, a dialética se encontraria de cabeça para baixo. Essa interpretação antiidealista da dialética hegeliana foi corroborada por Engels, e, mais tarde, por pensadores expressivos da filosofia materialista. György Lukács, embora reconheça na filosofia de Hegel avanços indiscutíveis para a compreensão das contradições sociais, endereça críticas análogas às mistificações idealistas do conjunto de sua obra, ressaltando que o grande mérito da dialética hegeliana consistiu em "se tornar precursora imediata da dialética hegeliana" (2018, p. 707).

## DE VOLTA À FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO: O...

Sinéio Ferraz Bueno

Theodor Adorno reconhece o lugar de destaque que é devido a Hegel no cenário da filosofia ocidental, mas repete o mesmo argumento do pensador húngaro: "não há nada no mundo que não apareça ao homem pelo trabalho e apenas por meio dele. (...) Apenas a autoconsciência disso poderia conduzir a dialética hegeliana para além de si mesma" (2013, p. 101). Por outro lado, assim como Marx postulou a necessidade de empreender uma crítica materialista do idealismo de Hegel, é perfeitamente possível almejar objetivo oposto, vale dizer, compreender o materialismo dialético como momento intrínseco ao desenvolvimento da consciência de si. No automovimento do espírito, a consciência infeliz é marcada por seu engajamento na experiência histórica, mas é graças ao caráter negativo desse trajeto que ela atinge etapas superiores em seu processo de evolução. Desse modo, é no enfrentamento de seus próprios posicionamentos que a consciência infeliz se desdobra como consciência de si, experimentando e superando sua própria negatividade como momento necessário da desigualdade entre a consciência e seu conceito. Na medida em que os argumentos materialistas se revelam infrutíferos para uma justificação consistente na esfera ontológica, se torna relevante pensar que seu fracasso filosófico se constitui como momento reflexivo potencialmente capaz de elevar a dialética materialista para além de si mesma. O percurso da consciência infeliz se constitui como dilaceramento do espírito, em um processo no qual a experiência do fracasso é parte inseparável do processo de desenvolvimento do espírito na história. Nesse sentido, a experiência materialista no campo filosófico integra um momento de enclausuramento do espírito na esfera material, que pode ser compreendido como etapa necessária do processo de realização da consciência de si. Os elementos necessários para a superação dialética da ilusão materialista na esfera do ser integram o próprio trajeto de autocompreensão do espírito, e explicitam a capacidade especulativa de Hegel em se antecipar à crítica futuramente desenvolvida por Marx:

Corresponde a tal exigência o esforço tenso e paciente, de um zelo quase em chamas, para retirar os homens do afundamento no sensível, no vulgar e no singular, e dirigir seu olhar para as estrelas; como se os homens, de todo esquecidos do divino, estivessem a ponto de contentar-se com pó e água, como os vermes. (...) Agora parece haver necessidade do contrário: o sentido está tão enraizado no terreno, que se faz mister uma força igual para erguê-lo dali. O espírito se mostra tão pobre que parece aspirar, para seu reconforto, ao mísero sentimento do divino em geral – como um viajante no deserto anseia por uma gota d'água. Pela insignificância daquilo com que o espírito se satisfaz, pode-se medir a grandeza do que perdeu (Hegel, 2002, p. 29).

A confrontação entre o materialismo dialético e o idealismo hegeliano no âmbito de uma compreensão ontológica não deve ser vista apenas como simples disputa ideológica entre dois sistemas conceituais voltados para a expressão conceitual da substância negativa que

atravessa a realidade. Pois o insucesso necessário do materialismo em demonstrar sua substancialidade no campo filosófico sob formas mais consistentes que uma circularidade viciosa, espelha a experiência da consciência infeliz quando ela ainda é incapaz de conceber a si mesma como substância da própria realidade. Entretanto, a superação da alienação da consciência não poderá ser alcançada pela simples formulação de uma tese filosófica idealista, na medida em que depende da experiência histórica do fracasso da consciência infeliz em afirmar uma realidade material subsistente em si mesma e independente do espírito: "a consciência de si não é toda a realidade somente *para si*, mas também *em si*: porque se torna essa realidade, ou antes, porque *se demonstra* como tal" (HEGEL, 2002, p. 405). A fenomenologia do espírito é a experiência dilacerante que a consciência realiza na história ao percorrer as etapas necessárias de um devir que se transforma em sistema filosófico apenas porque este é capaz de expressá-la como verdade substancial: "é idealismo não como teoria e sistema, mas sim como fenômeno do espírito" (HARTMANN, s/d, p. 405). Para além de um simples desvelamento dos encobrimentos materiais que afetam a vida econômica e social, o idealismo pressupõe a transição do desejo, desde a coisidade de objetos supostamente independentes da consciência, até o encontro das consciências de si. Nesse sentido, no desdobramento do espírito como substância da realidade, o idealismo anuncia a necessidade ética de reconhecimento do Outro como alteridade essencial.

### REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Três estudos sobre Hegel**. São Paulo, Editora Unesp, 2013.
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.
- ENGELS, F. **A dialética da natureza**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo, Centauro, 2005.
- HARTMANN, N. **A filosofia do idealismo alemão**. Lisboa, Fundação Caloste Gulbekian, s/d.
- HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espírito**. Rio de Janeiro, Vozes/U.S.F., 1978.
- HYPOLITE, J. **Gênese e estrutura da fenomenologia do espírito**. São Paulo, Discurso editorial, 1999.
- HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. São Paulo, Editora Unesp, 2015.
- KOJÉVE, A. **Introdução à leitura de Hegel**. Rio de Janeiro, Contraponto/EDUERJ, 2002.

## DE VOLTA À FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO: O...

Sinésio Ferraz Bueno

LUKÁCS, G. **O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista**. São Paulo, Boitempo, 2018.

MARCUSE, H. **Razão e Revolução**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

MARX, K. **Para a crítica da economia política**. São Paulo, Abril Cultural, 1985 (Os pensadores).

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo, Martin Claret, 2002.

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo, Hucitec, 1999.

TAYLOR, C. **Hegel - sistema, método, estrutura**. São Paulo, É Realizações, 2014.